

Ruth Guimarães

ÁGUA FUNDA

Romance

Prefácio de Antonio Candido

ÁGUA FUNDA

Prefácio, <i>Antonio Candido</i>	7
ÁGUA FUNDA	11
Apêndices	
Excertos da crítica e uma entrevista (1946-47).....	183
Fortuna crítica de <i>Água funda</i>	193
Sobre a autora	197

PREFÁCIO

Antonio Candido

Este livro exprime bem o equipamento cultural e a visão de mundo de Ruth Guimarães, prosadora de qualidade e conhecedora profunda da cultura popular brasileira. É um romance, mas escrito como se fosse prosa fiada, como se fosse narrativa caprichosa que vai indo e vindo ao sabor da memória, ao jeito dos contadores de casos. Esta primeira impressão é justa, mas não deve esconder do leitor o que há neste livro de composição deliberada, de técnica bastante complexa, rica em elipses, em saltos temporais, em subentendidos. O que à primeira vista pode parecer meio solto vai se revelando bem travejado, regido por um intuito fabulativo que dá ao todo a necessária coerência, sem a qual não se instaura a verossimilhança.

Isso, quanto ao modo de contar. Quanto à linguagem, a construção talvez seja ainda mais elaborada, porque Ruth Guimarães consegue produzir um discurso de tonalidade espontânea, mas de fato carregado de estilizações bem conduzidas. Aqui não há o desagradável cacoete de muitos regionalistas: o de querer imitar com ânimo de exotismo pitoresco os modismos caipiras foneticamente sugeridos, do tipo “bamo ino” por “vamos indo” ou “entonce num haverá de sê?”. Nada disso em *Água funda*, caracterizado pela elaboração arte-ficial de uma linguagem que obedece à disciplina da gramática e, ao mesmo tempo, parece sair da boca do povo rústico. Isso se chama literatura e consiste em inventar uma linguagem suspensa entre o popular e o erudito, fa-

zendo do livro obra que tem o timbre das realizações cheias de personalidade.

A interpenetração popular-erudito existe na própria concepção do livro, que é a história de um pequeno grupo rural de onde emergem certos personagens selecionados, sobretudo o par Joca e Curiango, sendo, ao mesmo tempo, uma espécie de afloramento do estrato mágico e lendário. De tal maneira, que a história do par central pode ser lida tanto como consequência das vicissitudes comuns da vida, quanto como produto de forças misteriosas encarnadas nos mitos intemporais. Há superposição, da qual resulta uma dupla leitura, cuja última instância seriam figuras como a Mãe de Ouro, entidade perigosa do tipo das Iaras, que pode assumir formas diversas no populário e aparece aqui sob o aspecto sideral de luminosidade fatídica.

Essa comunicação das esferas, do real ao fantástico, enriquece o texto e está ligada ao próprio teor do discurso. De fato, o livro é narrado por alguém que não se identifica, dotado de perspectiva onisciente e, parecendo membro do grupo descrito, é capaz por isso mesmo de assumir uma taxa de credulidade que justifica as discretas invasões do pensamento mágico. Esta voz penetra todos os refolhos das pessoas e do mundo e, ao deixar suspensa a possibilidade do fantástico explicar o real, assegura, ao mesmo tempo, a integridade deste. E nós podemos sentir, assim, a realidade viva de uma região, com a sua natureza, os seus costumes, os seus tipos humanos e também a magia insinuante dos mistérios que a mitologia popular exprime.

Por isso, talvez sejam felizes entre todos os momentos em que o narrador fala diretamente, porque então sentimos a fusão da escritora culta e da voz que ela inventou para animar o relato. É o caso do começo do livro, por exemplo, e também de muitos outros trechos, como a descrição da missa campal.

O que estou procurando sugerir é a complexidade dessa narrativa despreziosa, que sabe fundir os planos e passa com tanta maestria do individual ao coletivo, do natural ao social, do real ao mágico. Voltando ao começo, é bom insistir no fato de Ruth Guimarães ser não apenas uma escritora dotada para a ficção, mas uma autoridade nos estudos da cultura popular, cultura que em *Água funda* constitui verdadeira rede de sustentação. Livros da autora como *Os filhos do medo*, como os contos que compendiou, como o belo estudo infelizmente ainda inédito sobre o ciclo de Pedro Malazarte, *Calidoscópio*, mostram grande saber folclórico servido por uma expressão clara e elegante, própria dos bons escritores. O leitor verá, neste livro, que a fluência da narrativa, a felicidade dos achados estilísticos e a densidade humana do todo fazem da leitura uma experiência válida e um grande prazer.

* * *

Nota final: *Água funda* foi publicado em 1946 pela Editora Globo, de Porto Alegre. Esta reedição merece aplauso, porque põe de novo em circulação um texto que vale a pena conhecer.¹ Para mim (se me permitem o toque pessoal), o interessante é que naquela ocasião, sendo eu crítico titular, como se dizia, do *Diário de S. Paulo*, escrevi sobre ele um rodapé que infelizmente perdi e portanto não posso agora reler para comparar com este prefácio.² O que terei dito? Fiz restrições? Fiz elogios? A vaga lembrança diz que a resenha era positiva, porque ficou em mim depois tantos anos a impres-

¹ Este prefácio foi escrito para a 2ª edição de *Água funda*, publicada pela editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, em 2003.

² Trechos do rodapé mencionado estão reproduzidos ao final deste volume.